

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## Corporeidade e Atravessamentos Étnicos: uma reflexão sobre o corpo como condutor de saberes e relações

Iuri Nascimento Souza\*<sup>1</sup>, Marise de Santana<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

\* iuresouza23@hotmail.com

GT 01- ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

### RESUMO

Este artigo explora a noção de corporeidade baseada em Sodré (2021) como um fio condutor das relações entre ancestralidade, memória e criação no contexto das práticas comunitárias afro-brasileiras. A pesquisa objetiva analisar como a corporeidade, vista como um território de significados históricos e culturais, se manifesta nas interações familiares e na criação artística, especialmente no teatro. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada na escrivência de Conceição Evaristo (2007) e na observação participante, com a coleta de dados realizada através dos processos de investigação na trajetória de minhas experiências. Os principais resultados indicam que o corpo é um veículo de transmissão de saberes e afetos, revelando-se como um texto coletivo que ressignifica experiências vividas em uma dimensão comunitária e ancestral. A conclusão aponta que o corpo, permeado por memórias e tradições, torna-se um agente ativo de resistência e pertencimento étnico. A corporeidade, assim, emerge como uma ponte entre passado e presente, reforçando a importância das práticas culturais no fortalecimento da identidade e suas relações.

**Palavras chave:** Corporeidade, Criação cênica, Relações étnicas.

### INTRODUÇÃO

O corpo é um território de múltiplas camadas de significação, inscrito e atravessado por experiências individuais e coletivas. No contexto da diáspora africana, o corpo negro não se apresenta apenas como um objeto deslocado, mas como um continente de saberes ancestrais, práticas culturais, cosmopercepções e modos de ser no mundo. Ele carrega as marcas de sua história, ao mesmo tempo em que constrói, através de sua corporeidade, novas formas de estar em comunidade.

Nas linhas que percorrem essa escrita, exploro a ideia de corporeidade como um portal de memória e significado, onde o corpo negro, através de suas experiências e relações, revela-se como um texto coletivo. A partir de vivências pessoais e memórias compartilhadas, discuto como o corpo se torna veículo de transmissão de saberes, afetos e tradições, conectando passado e presente. Assim, a corporeidade não é apenas um aspecto individual, mas uma dimensão

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



comunitária e ancestral, onde as marcas do corpo se tornam expressões de pertencimento e resistência.

Esses atravessamentos étnicos, entendendo a relação com o espaço em que cresci, a rua, a minha família e os amigos, influenciam as dinâmicas sociais e culturais do indivíduo e do seu entorno, considerando a etnicidade como evidência o autor Roberto Cardoso de Oliveira (2007), no que refere-se à maneira como grupos humanos constroem um senso de identidade comum, baseado em elementos culturais, históricos e territoriais compartilhados. A rua em que brinquei, as cicatrizes que carrego e os afetos compartilhados são o substrato para a construção de narrativas impregnadas de memória e afetividade.

Enquanto professor de teatro no contexto das criações, essa ideia de corpo transcende sua dimensão física conforme argumentam Eduardo Oliveira (2009) e Muniz Sodré (2021), transforma-se em uma potente ferramenta de resignificação no teatro ao trazer as lembranças e tudo o que perpassa nas relações construídas, as narrativas não apenas recontam histórias, mas também estabelecem um diálogo contínuo entre passado e presente. Essas memórias que podem ser trazidas ao palco, revelam as complexidades das relações étnicas, de raça e de ancestralidade que permeiam a construção de identidades afrodescendentes e indígenas. Vejo pelas lentes um emblema de saberes compartilhados e de pertencimento étnico, e a criação cênica se torna um espaço de reconstituição dessas relações que vão se moldando, se reconstruindo e sendo atravessada em novas temporalidades.

Essa pesquisa é fruto do meu trabalho de conclusão de curso em licenciatura em teatro na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, enquanto parte das minhas reflexões ao pensar o universo das rezadeiras, o contexto familiar e a corporeidade para os processos criativos. Dando continuidade ao processo, vejo que a pesquisa ainda tem desdramentos para ser explorada no Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC.

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



## METODOLOGIA

A metodologia adotada para este trabalho é de natureza qualitativa, uma abordagem que busca compreender as nuances das experiências individuais e coletivas por meio da análise interpretativa. Conforme salienta Minayo (2009), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que relaciona-se às dimensões culturais, vias que transitam entre o visível e invisível, espiritual e sensível das místicas das rezas nesse cenário de aspirações.

Fundamentada no conceito de escrevivências Evaristo (2007), a pesquisa se apoia nas narrativas pessoais, coletivas e nas memórias corporificadas, reconhecendo o corpo como um território de significados históricos e ancestrais. Aqui o conceito se faz presente tanto no processo de escrita quanto na resignificação das experiências vividas, conectando passado e presente, individual e coletivo trazendo um olhar horizontal. O estudo está baseado em uma revisão bibliográfica, a partir do conceito de corpo e corporeidade onde os autores Sodré (2021) e Oliveira (2005, 2007) oferecem reflexões essenciais para uma compreensão mais aprofundada do tema.

O instrumento de coleta de dados incluiu a observação participante, tendo a história de vida segundo Chizzotti (2011) com a entrevista semi-estruturada, trazendo à tona os fatos e acontecimentos que foram significativos, histórias e memórias ancestrais que permitem refletir sobre a corporeidade. Através da construção de diários de campo, as interações com familiares e membros da comunidade, bem como as observações em investigações teatrais, fornecem uma base rica para a análise das conexões entre corpo, memória e ancestralidade. Essas vivências, transcritas e analisadas, proporcionam uma investigação que coloca a subjetividade como elemento central para a compreensão dos atravessamentos étnicos e corporais.

## DESENVOLVIMENTO

A corporeidade pode ser compreendida como uma dimensão do corpo

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



que transcende a matéria física biológica como já abordado. Ao explorar essa relação, é possível entender todas as significações assumidas como presença viva para além das explicações científicas, onde o sensível e o invisível com sua simplicidade no entendimento dentro do campo das ciências humanas, filosóficas e nas artes modifica-se e interpreta o vislumbre das complexas relações. Segundo a autora Karenine de Oliveira Porpino em seu livro *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética* e expõe o seguinte

Os corpos brincam, choram, desesperam-se, entusiasmam-se, dançam. Um imbricamento entre múltiplos momentos vividos, que fazem de alguém um ser humano idiossincrático, porém uma idiossincrasia que só pode ser gerada na convivência (PORPINO, 2018, p. 42).

Porpino convida a refletir sobre a dimensão da corporeidade como uma síntese viva. A idiossincrasia corporal, portanto, não é apenas pessoal, mas construída na convivência, reforçando os alinhavos que Oliveira (2007) e Sodré (2021) abordam e que conversam entre si. Na filosofia africana enquanto corpo ancestral Oliveira (2005, p. 124) coloca que “o corpo é, portanto, concomitantemente, uma coisa e um conceito. Ele não   redutível a nenhum elemento não relacional, pois corpo   relação” e continua fabulando “o corpo   território” “o corpo   o chão da gente”, “o corpo é um universo e uma singularidade” e “o corpo   o movimento da cultura” (Oliveira, 2005, p.126).

A identificação com o termo reflete uma tentativa de superar as limitações impostas pela visão dualista ocidental, que historicamente separou corpo e mente, relegando o corpo   condição de objeto ou instrumento inferior, excluindo de todas as suas potencialidades e narrativas. Essa visão, profundamente enraizada no pensamento cartesiano, prioriza a racionalidade e a mente como aspectos superiores da existência humana. Aqui o corpo é um todo com o mundo.

A corporeidade, assim, torna-se uma chave para compreender o ser humano em sua totalidade, incluindo a interação dinâmica entre corpo/mente (que os dois não se separam), cultura e sociedade.   uma tentativa de ressignificar o corpo como um elemento central da vida humana, rico em



# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



potencialidades de transformação e expressão. Vejo o mesmo sendo considerado como dinâmico, não mais sendo visto apenas como receptáculo passivo. Ele não apenas recebe influências externas, mas também responde a elas, criando novas formas de expressar seus estímulos.

## CORPOREIDADE E ATRAVESSAMENTOS ÉTNICOS

No corpo é possível observar todas as nossas relações com o mundo, reconectando com as nossas heranças que partem do coletivo com as nossas interações. Esse entendimento revela a profundidade do corpo como mediador entre o ser e o mundo. E Sodré (2021) questiona “o que queremos dizer com “corpo”? Com isso, na aula magistral "Dança e Corporeidade" ao Sesc Campinas Muniz Sodré aponta a noção de corporeidade como:

*Corporeidade é a condição própria da sensível, tal como na experiência afro, em que o sentir é a comunicação original com o mundo, é o ser no mundo como corpo vivo. O sentir é o modo de presença na totalidade simultânea das coisas e dos seres, é o corpo humano enquanto compreensão primordial do mundo (SODRÉ, informação verbal, 2021).*

O corpo sendo o condutor das relações de experiências é o mesmo que promove encontros subjetivos na memória cultural coletiva e individual, que por sua vez são atravessadas pela ancestralidade que promove ações corporificadas entre o passado e o presente, explicitando ao mesmo tempo, a memória ancestral com seus avós/familiares, com as culturas, com os ritos, as brincadeiras tradicionais e a natureza.

Sobre esse entendimento, esse conjunto de elementos corporais ancestrais forma a experiência no campo de forma estruturada e contextualizada. Como afirma Eduardo Oliveira (2007).

*[...] O corpo não é uma identidade segregada do mundo, do outro, de deus. O Corpo é equivalente à natureza e ao espírito. [...] O corpo é o emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto da comunidade. [...] O corpo é um texto aberto para a leitura de quem o vê. O escritor é a comunidade. Portanto, meu corpo não é meu, mas um texto coletivo. [...] O corpo é um vestígio dos valores civilizatórios do grupo que nele escreve e nele se reconhece. O corpo social é a extensão do corpo individual (OLIVEIRA, 2007, p. 124).*

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



Dentro da lógica dos afetos na troca coletiva, essa reinvenção do pensamento de corpo como corporeidade nas vivências comunitárias se assemelha muito com os terreiros e com os quilombos onde o viver em comunidade e em coletividade é ponto crucial para as práticas religiosas e cosmológicas, deixando de ser uma ação de vida individualista.

A rua onde cresci é um portal de memórias que se manifestam no meu corpo, nas cicatrizes que carrego. Cada marca me faz recordar a infância, as quedas e as brincadeiras com os vizinhos, em uma convivência cheia de afeto e aprendizados. Essa rua de cascalho, grande e cheia de vida, era o espaço onde construí laços e trocas significativas, apesar das eventuais brigas que faziam parte da nossa interação.

Um dos lares que marcou minha infância foi o da vizinha Antônia, onde eu passava mais tempo do que na minha própria casa. Lá, ao lado dos netos dela, meus amigos até hoje, eu brincava, fazia as atividades da escola e ouvia as conversas dos mais velhos, vivenciando uma troca constante de experiências e saberes.

O viver em comunidade para minha Vó Aurelina, em seu tempo, na fazenda era momento de celebração, de festejo e de partilha. Na sua mocidade estava sempre festejando na casa dos vizinhos, cantando e dançando a noite toda até amanhecer com seus irmãos (ãs).

Falando sobre o viver em comunidade com minha avó, a mesma que, antigamente não existiam muitas vizinhanças por perto, ela aborda que as pessoas na qual ela se recorda eram: tio Vicente, Chico, João Ferreira, mãe de Zebrinha e Lú. Quando pequena brincava de cozinhado com as meninas, pular corda e balanço, conta que era uma felicidade enorme partilhar desses momentos de descontração e liberdade, pois estava interagindo com os/as demais.

Como era uma das mais novas, minha bisavó a levava com sua irmã Luzia para passear nas casas dos compadres e na casa de Mãe Jula que era parteira. Era com esses mais velhos que ela aprendia os valores, o respeito, os costumes, a

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



partilha etc. Ao partir desse pressuposto, Sodré ainda sobre a corporeidade discorre como:

*A corporeidade é a noção coletividade, é a noção de comunidade, não é a mesma coisa que corpo individual. Corporeidade não se refere a substância da carne humana, como entidade pessoal, individual, não é o corpo individual. Corporeidade é uma conexão dos afetos num plano que imanente ao grupo, é uma máquina de conexão de intensidades (SODRÉ, informação verbal, 2021).*

Nessa experiência traduzida por minha avó, pode-se observar a diversidade de corpos que operam de maneira singular, com efeito coletiviza-se experiências como uma potência ativa. Essa potência ativa corporal transita na representatividade de corpos que se nutrem e vão se transformando, a partir de referências vividas nesse contexto social que se modela e se misturam, construindo releituras por esse conjunto de relações postuladas de significações.

Essas vivências controem a identidade étnica de nossas existências, onde Caroline Kraus Luvizotto (2009) e Frederik Barth (1998) colocam que a identidade étnica é construída em um processo dinâmico de interações e fronteiras entre o "nós" e o "eles", as marcas corporais carregam em si as experiências sociais que ultrapassam o corpo físico, ligando-se a uma teia de relações. A identidade étnica não é algo fixo, mas dinâmico e relacional, sendo moldada pelas interações entre diferentes grupos. Nesse processo Oliveira (2007) traz à tona que a identidade pessoal é um reflexo da identidade coletiva, em contextos de contato interétnico e se manifesta tanto em momentos de tensão quanto em vínculos. Essas construções estão forjadas nas interações de grupos distintos, com atuações culturais e variações que cada um possui, entendidas e articuladas na expressão de significados pautadas no ser.

Nós somos corpo, seja ele individual ou coletivo, mas quando essas experiências individuais se unem às outras formando uma só, a noção de coletivo aparece ganhando forças como comunicação transcendental como cuidado não apenas de si, mas de nós. A corporeidade é a diversidade de sentidos, identidades, saberes, trocas, formação de cultura e lugar de criação epistemológica. Pensar nesse corpo é trazer o lugar de referências como se

# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



colocar no mundo de maneira sensível. Essa noção também aparece como nas relações interpessoais por meio de vias não-verbais do corpo.

O corpo das rezadeiras como é o da minha vó que também reza, em sua comunhão, torna-se um espaço de cuidado, onde o ensino em viver em coletivo é essencial como uma forma de ver o mundo, no qual esse processo de vida promove acolhimento pelas relações construídas. Sendo assim, o seu modo de viver e agir desperta um diálogo mais fluido, consistente nos encantamentos corpóreos de suas comunidades e com o ambiente sagrado.

Pensar a corporeidade da rezadeira, nesse processo de ritual de reza, é refletir que esse seu dom é lapidado em experiências, individuais e coletivas, está totalmente consolidado na ancestralidade, que abarca a linguagem dos gestos, dos movimentos do corpo, das imagens, etc. Por esse aspecto, observa-se de qual forma é aplicado o sinal da cruz, suas movimentações com o indivíduo, a sensibilidade do gesto, o jeito como os ramos e os objetos são passados pelo corpo e como água benta é utilizada.

É importante pensarmos na dimensão corpórea dentro de uma linguagem e uma potencialidade estética onde os mecanismos do corpo e da voz se configuram como uma integração de uma narrativa que deixa evidente a ação da corporeidade.

Desse modo, evidencio, por meio do teatro em minhas propostas um corpo que traz a rememoração do ancestral contada em ritos, “causos” e performances, mantendo seus traços afetivos com a comunidade, que passa por uma tradição como um fenômeno que implica na sensibilidade e nas vivências que transita por um terreno híbrido em projeções de pluralidades.

A corporeidade dispõe uma relação que conversa diretamente com a ancestralidade, não estando distintas uma da outra. Os corpos foram moldados pela lógica eurocêntrica, definido pelo meio estético e suas vinculações. Isso ocorre justamente porque, o corpo negro afro-brasileiro dispõe em sua essência elos marcados pela sua ancestralidade africana que está intrínseco na sua forma de andar, vestir, dançar etc, carregando conexões que foram construídas pelas



# XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20  
NOVEMBRO  
DE 2024



identidades de nossos antepassados. A forma em que eu me disponho no espaço, desloco-me, comunico-me associa-se ao meio social, histórico e cultural personificado na vivência de meu povo.

Como consequência, toda corporeidade representa o encantamento ancestral nas relações formadas com próximo, assim como a ancestralidade se comunica em detrimento aos alinhavos formados na convergência dessas experiências. Essas conexões formadas entre os dois fortalece a firmeza, por meio da qual a extensão o indivíduo se encontra, onde os aspectos do ser são portais de fluxos.

A condição coletiva da realidade se faz de forma simbólica e receptiva, gerando conteúdo na corporeidade que fecunda na ancestralidade. Sendo assim, analiso que essa fecundidade gerada por esse cruzamento nos permite a condição de perceber os sentidos humanos enriquecendo os nossos caminhos.

## CONCLUSÕES INCONCLUSIVAS

Defronte, de tudo que foi discutido e apresentado sobre a corporeidade enviesado por todas as relações, é possível atualizar em sua dimensão que o corpo é o sentido que percorre todo o movimento, investido de símbolos, organismo, cultura, sagrado, oralituras... entre outras instâncias materiais e imateriais, na singularidade de cada existência que se coletiviza em sua efetivação. Essa existência do relaciona-se se prescinde as comunicações e se multiplicam nas realidades que as interpretam.

A corporeidade pode ser compreendida como um elemento central na construção da identidade étnica. O corpo carrega marcas históricas, sociais e culturais que são expressões de pertencimento a um grupo étnico. Esse diálogo permite aprofundar questões sobre como os corpos são lidos em comunidade, representado e construído dentro de um contexto das relações étnicas. Essa noção de corporeidade é muito importante porque faz parte do arcabouço teórico como categoria da pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado ao pensar os conhecimentos étnicos ancestrais das rezadeiras e como os mesmos

# XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas  
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana  
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual  
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas  
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento  
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20  
NOVEMBRO  
DE 2024



podem ser aplicados na turma do curso de licenciatura em teatro na disciplina de Estudos do Corpo e da Voz, com as aplicações dos planos de aula e que vão servir para a escrita da dissertação.

Por conseguinte, essa investigação nos convida a refletir sobre a importância de valorizar a corporeidade como um campo de significados históricos e ancestrais que pode e deve ser trazido para os palcos, as salas de aula e os espaços de convivência, reafirmando a potência do corpo como um texto coletivo, cheio de camadas culturais e afetivas que moldam nossas identidades e nossa existência.

## REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Vozes, 2011.

EVARISTO, C. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, 2007. p. 21.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Etnicidade e identidade étnica**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade étnica, identificação e manipulação. Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 6, n. 2, 2007.

OLIVEIRA, David Eduardo de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira- UFC**. 2005. 353f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2005.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2018.

POUTIGNAT, Philippe; JOCELYNE Streiff-Fenart. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SODRÉ, M. (2 de 10 de 2021). 1 vídeo (1:17:00). **Aula magistral "Dança e Corporeidade" com Muniz Sodré**. < <https://youtu.be/xiPz3s8xWO4>>